

## A MOTIVAÇÃO NOS PROVÉRBIOS<sup>1</sup>

José Pereira da Silva (UERJ)

[pereira@uerj.br](mailto:pereira@uerj.br)

### RESUMO

Será apresentado aqui um conjunto de reflexões sobre os motivos que levam os falantes a usarem provérbios em seus discursos e os que levaram esses textos a se tornarem proverbiais e populares e se fixarem na língua como “discurso repetido”. Além disso, será destacada a sinonímia entre provérbios e variantes proverbiais do português ou entre estes e os respectivos sinônimos interlinguísticos. A motivação para seu uso no discurso é, antes de tudo, sua autoridade abonadora da argumentação, sintetizando uma filosofia de vida, valorizando, apoiando e confirmando a argumentação discursiva do emissor. A sinonímia dos provérbios não é a repetição da ideia expressa por outros, seja pelo nível da linguagem, especificidade do ambiente ou outra das inúmeras variáveis contextuais, mas a sua contextualização. Em se tratando de provérbios sinônimos interlinguísticos, fica muito evidente a motivação cultural, substituindo-se elementos de uma cultura por elementos peculiares da outra. Por isto, a inserção de um provérbio em um texto vai reforçar sempre um detalhe do seu significado, para demonstrar ao interlocutor que o conceito ou a ideia apresentada ou defendida não é apenas do orador nem é recente, mas um conceito, preceito ou ideia cristalizada em um provérbio, ou seja, num discurso repetido como verdade por muitas gerações. Em nossa civilização, a reunião de provérbios como sínteses de verdades cristalizadas é tão antiga quanto a *Bíblia*, e muito mais ainda, se buscadas em inscrições cuneiformes, hieroglíficas etc. Mas o estudo da motivação sinonímica nos provérbios tem sido pouco explorada. Por isto, serão tomados como suportes vários trabalhos onde o tema foi abordado apenas em alguns tópicos ou parágrafos, entre os quais os de Funk (1993 e 1998), Pestana (2004), Postigo (2000) e Tosi (1996).

Palavras-chave: Fraseologia. Motivação. Provérbios. Sinonímia. Sinônimo.

### 1. *Definição e características dos provérbios*

Provérbio é um discurso repetido de cunho moral, recolhido com a autoridade de convenção cristalizada na memória coletiva de uma sociedade. Em geral, são anônimos e antigos, sofrendo adaptações culturais nas comunidades em que se tornarem comuns.

Desde os tempos bíblicos, a reunião de provérbios como registros

---

<sup>1</sup> Uma versão deste texto, com o título de “Motivação Sinonímica nos Provérbios”, foi apresentada no III Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia e II Congresso Nacional de Fraseologia, realizado em Fortaleza (CE), de 8 a 13 de dezembro de 2013, integrando uma mesa-redonda.

documentais da sabedoria popular, acompanhados ou não de comentários, tem sido amplamente cultivada, como se pode ver nos *Provérbios* [de Salomão], organizados em trinta e um capítulos. (Cf. *BÍBLIA*, 2000, p. 500-525)

Nos evangelhos, inclusive, há numerosos casos em que se atribui a Jesus a utilização de provérbios para reforçar argumentos de seu discurso, como bem salienta Gabriela Funk, em seu artigo publicado na revista espanhola *Paremia*: “Uma leitura dos Evangelhos revela que também Jesus gostava de usar provérbios ou expressões aparentadas. Há, assim, uma afinidade especial dos Evangelhos com o provérbio.” (FUNK, 1998, p. 98)

Como literatura oral, os provérbios se caracterizam por manter certo ritmo, além de outras formas internas de repetição para facilitar a memorização, mantendo o sentido lógico das situações da vida a que se aplicam.

Além de constituírem unidades completas e independentes, os provérbios são construídos em forma concisa e pitoresca, revelando uma sabedoria baseada na experiência, diferentemente das frases feitas em geral, como nos ensinou Amadeu Amaral em suas *Tradições Populares* (Cf. AMARAL, [1948], p. 219-220), como se vê na citação abaixo, lembrando que os provérbios se ligam a diferentes formas de expressão tradicional, com as quais nem sempre é fácil traçar linhas divisórias exatas, apesar de Amadeu Amaral nos haver ensinado que eles

encerram um fundo condensado de experiência refletidas, são amostras de um “saber de experiências feito”, experiências da alma humana, das relações sociais, dos fenômenos da natureza etc. Não há que discutir a legitimidade teórica ou lógica desse saber, um conjunto de verdades gerais adequadas à mentalidade média dos povos e expresso com a segurança da convicção.

Outras feições características dos provérbios aludidos são a concisão e a elegância. Não há palavras inúteis. Frequentemente dispensam-se mesmo palavras que poderiam ser úteis, como se se quisesse dar ao conjunto mais o atrativo de uma tal ou qual obscuridade. A frase é cadenciada: o provérbio, quando não é puro verso, é parente próximo deste, pelo ritmo e, muitas vezes, também pela rima. O todo, firme, enérgico, definitivo, brilha de uma certa originalidade de invenção e de expressão e grava-se facilmente na memória. (AMARAL, [1948], p. 219, *apud* SILVA, 1998, p. 13)

Além desses traços, é importante ressaltar os “traços arcaicos” ou arcaizantes dos provérbios, que constituem uma de suas características distintivas intrínsecas, como nos três exemplos seguintes:

*O alcaide e o sol por onde quer entram.  
Com teu amo não jogues as peras.  
Cré com cré, lé com lé.*

No capítulo intitulado “Definição Genérica do Provérbio”, de sua dissertação de mestrado orientada por Mário Vilela, Gilda Maria Nunes Alves Pestana oferece a mais objetiva definição que consegue do que identificou como necessidade urgentíssima, dada a enorme variação apresentada pelos diversos autores relacionados, concluindo que “um provérbio é um enunciado de autoria anônima, transmitido oralmente, ao qual subjaz uma verdade de caráter universalizante e cuja autonomia sintático-semântica e caráter genérico e atemporal permitem o seu emprego em múltiplas e variadas situações”. (PESTANA, 2004, p. 23)

A essa definição de Pestana poderíamos acrescentar que, nas diferentes épocas e lugares em que um provérbio se populariza ou se torna frequente, é natural a inclusão ou a substituição de algum elemento lexical específico da cultura local da época.

Provocado pelo Prof. Álvaro Alfredo Bragança Júnior com a tese que deu origem ao seu livro sobre *A Fraseologia Medieval Latina* (BRAGANÇA JÚNIOR, 2012), resolvemos elaborar uma busca de provérbios correntes em português que tiveram sua origem na língua latina, chegados aos nossos dias através de textos escritos, sejam eles literários *stricto sensu* ou não. Disso resultou o artigo “Alguns provérbios, máximas e frases feitas de origem latina que são bastante comuns entre nós”, artigo bem consultado por pesquisadores da especialidade, publicado em 1998 na *Revista Philologus*, com o objetivo de verificar a hipótese de Renzo Tosi de que a chamada “literatura oral” tem origem também literária e até mesmo clássica.

Vale apenas ler este fragmento do que Tosi escreve no primeiro parágrafo da introdução de sua obra, para explicar o que é um provérbio:

segundo a aceção mais simples do termo, poder-se-ia afirmar que por provérbio se entende uma frase feita segundo uma formulação padronizada (mesmo que não absolutamente rígida), que se tornou tradicional e à qual se atribui autoridade de verdade incontestada, fruto da sabedoria antiga e popular. Com efeito, é habitual falar-se de “sabedoria do povo”, como se se tratasse de um material iliterato, genuíno, isento de infraestrutura intelectual e de artifícios eruditos, derivados de uma visão da vida ingênua e fiel à realidade concreta das coisas [...]. Essa análise na realidade se mostra parcial: antes de mais nada, se é inegável que a retomada explícita de um provérbio em âmbito literário é indicio de colorido “popular”, por outro lado não se pode negar que muitas vezes os provérbios não passam de redações estereotipadas de *topoi* literários e que as relações entre a tradição literária e a pretensa “sabedoria po-

pular” se revelam profundas e complexas. Além disso, é evidente que muitas expressões proverbiais têm origem não certamente popular, mas derivam de trechos e textos famosos, citados como sentenças independentes (e às vezes propositalmente com significados diferentes dos originais). (TOSI, 1996, p. XIII)

Abonando-se com Alfredo Maceira Rodríguez, ao escrever que “A temática da fraseologia de um povo retrata o homem, suas características, conflitos, modo de vida, atividade” (RODRÍGUEZ, 2000, p. 127, *apud* XIMENES, 2013, p. 254), o Prof. Expedito Eloísio Ximenes, em suas *Fraseologias Jurídicas*, reforça a hipótese de Tosi, lembrando que esses discursos repetidos foram produzidos em um passado remoto, “principalmente na oralidade, porém se incorporam na modalidade escrita dessa língua através dos séculos, refletindo a cultura e o período histórico do povo que o[s] produziu” (XIMENES, 2013, p. 254).

Fazendo uma comparação do português com o alemão, Gabriela Funk lembra que “É de notar que, para uma apreciação do texto proverbial no âmbito de uma determinada cultura, importa muito mais a atitude das massas do que a atitude da elite intelectual, uma vez que é o povo o verdadeiro transmissor do provérbio” (FUNK, 1998, p. 97), “literatura oral”, apesar de se fixar e se preservar através da escrita.

Sendo assim, e considerado o lugar e a época em que um enunciado proverbial se fixa e se populariza, o seu significado (suas conotações) pode variar, assim como alguns de seus elementos lexicais, como nos lembra Gabriela Funk:

A conotação atribuída a um enunciado proverbial particular, bem como a apreciação geral dos provérbios, constituem, certamente, um aspecto da linguagem corrente a ter em conta numa determinada época. Os textos proverbiais são, possivelmente, usados com mais facilidade em traduções na língua onde gozam de maior prestígio. (FUNK, 1998, p. 98)

Segundo Gabriela Funk, o português atual prestigia mais os provérbios do que o alemão, apesar de parecer ter sido diferente na época das traduções bíblicas de Lutero. Isto, naturalmente, depende também do gênero textual em questão.

## **2. A sinonímia nos provérbios**

Em trabalho acadêmico preparado em 1984, quando estava no mestrado, intitulado “A Fraseologia Românica”, relacionei mais de uma centena de expressões portuguesas com as suas correspondências semân-

ticas com similares do latim e de outras línguas românicas, como se pode ver, acessando o referido artigo.

Relativamente à motivação sinonímica interlinguística nos provérbios, vejamos três exemplos do referido artigo, que têm a ver com a ideia de sentido e significado, incluído nos *Ensaio de Fraseologia*:

Português: *Uma andorinha só não faz verão.*  
Espanhol: *Una golondrina sola no hace verano.*  
Italiano: *Una rondine no fa primavera.*  
Francês: *Une hirondelle ne fait pas le printemps.*  
Latim: *Una hirundo no facit ver.*

(SILVA, 1998, p. 114 e 2005, p. 160-161)

Português: *Quem não arrisca não petisca.*  
Espanhol: *Quien no arriesca no pesca.*  
Italiano: *Chi no risica, non rosica.*  
Francês: *Qui ne risque rien, n'a rien.*  
Latim: *Nihil lucri cepit que nulla pericla subivit.*

(SILVA, 1998, p. 115-116 e 2005, p. 163)

Português: *Quem canta, seus males espanta.*  
Espanhol: *Quien canta, sus males espanta.*  
Italiano: *Chi canta, il soffrir incanta.*  
Francês: *Qui chante, son mal enchante.*

(SILVA, 1998, p. 115-116 e 2005, p. 164)

Patrich Dahlet, apresentando o livro *A Enunciação dos Provérbios*, de Regina Rocha, lembra que o provérbio só pode ser bem compreendido em bloco, visto que a soma de seus elementos constituintes é insuficiente para estabelecer o seu sentido e que é um discurso pronto e acabado, que obriga o seu usuário a não alterá-lo (Cf. DAHLET, 1995, p. 8). Ou seja: um provérbio, como um documento, só pode ser citado, aludido ou parafraseado, mas não adaptado como elemento de outra frase, porque se trata de um discurso repetido, cristalizado na mente e na cultura popular.

Portanto, como forma fixa, pode ser organizado como um vocabulário porque, apesar da quase impossibilidade de encontrar palavra ou expressão com sentido equivalente, tem o seu significado próprio que não se confunde com o de qualquer outro no léxico da língua: um elemento linguístico-literário que pode ser reconhecido por suas características formais e semânticas.

No início de seu livro *A Enunciação dos Provérbios*, Regina Ro-

cha define o provérbio “é um verso ou quase verso, apresentando muitas vezes rima, assonância, metáforas, estrutura geralmente bimembre, elipse etc.”, que, do ponto de vista semântico, “deve encerrar uma mensagem admoestadora ou conselho” (ROCHA, 1995, p. 11).

Citando Cervoni (1987, p. 15), Regina Rocha ainda reforça que “Para que uma frase seja considerada bem formada, é preciso não somente que ela combine palavras da língua de acordo com as regras da sintaxe, mas que também estas palavras apresentem um certo grau de afinidade semântica entre si” (ROCHA, 1995, p. 28), tornando-se inteligível. Isto quer dizer, antes de tudo, que os provérbios podem e devem ter formas diferenciadas (no espaço e no tempo), porque o léxico e a semântica são os elementos linguísticos que acompanham mais de perto evolução cultural e tecnológica de um povo.

Seguindo a estrutura do trabalho de Regina Rocha (1995, p. 73-76), podem ser relacionados alguns provérbios para mostrar que as marcas pessoais são pouco usadas, apesar de serem eles utilizados como reforço para uma retórica de autoridade incontestável.

Esta quase ausência de marcas pessoais pode aparecer pela substituição dessa marca por substantivos genéricos para pessoas, por nomes de animais, por nomes de coisas como substitutos de pessoas ou de pronomes pessoais e por termos abstratos, que figuram mais frequentemente em provérbios moralizantes. Essa genericidade da construção proverbial não lhe diminui a autoridade documental no discurso, mas, ao contrário, a aumenta.

Ainda há outras formas de construções impessoais que não serão aqui relacionadas em grupos separados, como são os casos daquelas, por exemplo, que trazem a expressão “mais vale... que” (*Mais vale um pássaro na mão que dois voando*) ou “antes... que”, (*Mal por mal, antes cadeia do que hospital*), as expressões com construções infinitivas, os pronomes indefinidos como “quem” (*Quem tudo quer, tudo perde*), “tudo” (*Tudo que é demais aborrece*), a partícula “se” (*De pequenino se torce o pepino*) etc.

### **3. O que nos motiva a utilizar provérbios**

Ancorada em Maingueneau (1997, p. 86), que ensina que “o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a ‘autoridade’ que protege a asserção”,

Yves Figueiredo de Oliveira (2013) lembra, em seu artigo sobre a “Autoridade Proverbial”, que “a argumentação por autoridade se constitui como uma importante ferramenta de persuasão. Isto se deve, entre outros, a seu caráter ambíguo na enunciação”.

Lembrada por José Luiz Fiorin (2004, p. 52) que o objetivo maior de todo ato comunicativo é persuadir o interlocutor a aceitar o que está sendo comunicado, Oliveira destaca que a argumentação por autoridade é frequentemente utilizada, para enfatizar ainda mais a característica persuasiva da comunicação, fazendo-se “referências nominais a especialistas em suas respectivas áreas de conhecimento, categorias profissionais e/ou acadêmicas, ou até mesmo a publicações consagradas”, visto que, “quanto mais respeitada e conhecida for a autoridade citada, maior o crédito a ser dado ao discurso” (OLIVEIRA, 2013), incluindo-se os provérbios, naturalmente, nas características de autoridade argumentativa.

#### **4. Para concluir esta fala**

Por diversas razões, é lamentável que não se possa chegar, em pouco tempo e em poucas palavras, a um importante documentário sobre a motivação sinonímica dos provérbios. Entre essas razões está a própria definição e delimitação desta forma de discurso repetido, quase sempre interpretada como “produção popular” e naturalmente, na categoria de “literatura oral”. Apesar das diversas reflexões que podem ser desenvolvidas sobre o significado de “popular” e da aparente contradição entre o fato de serem produções da literatura oral, os provérbios se desenvolveram, muitas vezes, a partir de textos escritos e, mais frequentemente ainda, fixaram-se e se populararam através da escrita.

As construções proverbiais têm fortíssima a motivação sinonímica, a ponto de poderem ser consideradas semântica e lexicologicamente como unidades de sentido, evoluindo, como qualquer léxico, com o desenvolvimento cultural e tecnológico das comunidades que as utilizam, inclusive dentro da mesma língua e da mesma comunidade, apesar de seu natural conservadorismo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. Paremiologia. In: \_\_\_\_\_. *Tradições populares*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, [1948], p. 213-273.

*BÍBLIA Sagrada*: nova versão internacional. Trad.: Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina*. Vitória: DLL-UFES, 2012.

CERVONI, J. *L'ènonciation*. Paris: PUF, 1987.

DAHLET, Patrick. Apresentação. In: ROCHA, Regina. *A enunciação dos provérbios*: descrições em francês e português. São Paulo: ANNA-BLUME, 1995, p. 7-10.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FUNK, Gabriela. A Bíblia como indicador da importância do provérbio no âmbito de culturas diferentes. *Paremia*, n. 7, p. 97-106, 1998. Madrid. Disponível em: <<http://www.paremia.org/wp-content/uploads/P7-12.pdf>>.

FUNK, Gabriela. *A função do provérbio em português e em alemão: análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados*. 1993. Tese de Doutorado: Universidade dos Açores.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

OLIVEIRA, Yves Figueiredo de. Autoridade proverbial: interação entre argumentação por autoridade e provérbio em artigo de opinião. *Revista Philologus*, ano 19, N. 57 – Supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2013.

PESTANA, Gilda Maria Nunes Alves. *A função do verbo no texto proverbial: o verbo como instanciador lexical, modal, temporal e aspectual*. 2004. Dissertação de mestrado. Universidade da Madeira, 2004. Disponível em: <<http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/308/1/MestradoGildaPestana.pdf>>. Acesso em: 02-12-2013.

POSTIGO, Maria Josefa. Os provérbios de Don Quijote de la Mancha nas traduções em português. *Revista Veredas*, n. 3. Disponível em: <[http://www.geocities.ws/ail\\_br/osproverbiosdonquixote.htm](http://www.geocities.ws/ail_br/osproverbiosdonquixote.htm)>.

ROCHA, Regina. *A enunciação dos provérbios*: descrições em francês e português. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

RODRÍGUEZ, Alfredo Maceira. Algumas frases feitas do galego. *Revista Philologus*. [2. ed., reunidos os três números em um volume]. Rio de Janeiro, ano 3, p. 127-141, 2000. [1. ed. ano 3, n. 8, p. 39-49, 1997]. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3\(8\)39-49.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3(8)39-49.html)>.

SILVA, José Pereira da. Alguns provérbios, máximas e frases feitas de origem latina que são bastante comuns entre nós. *Revista Philologus*, ano 4, n. 12, p. 54-76. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.1998. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(12\)54-76.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(12)54-76.html)>.

\_\_\_\_\_. *Dicionário brasileiro de fraseologia*. [Versão preliminar]. Rio de Janeiro: [2013]. Disponível em: <[http://www.josepereira.com.br/DBF\\_2013.pdf](http://www.josepereira.com.br/DBF_2013.pdf)>.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de fraseologia*. Rio de Janeiro: CiFEFiL/Dialogarts, 1998. Disponível em: <[http://www.josepereira.com.br/Ensaio\\_de\\_Fraseologia.pdf](http://www.josepereira.com.br/Ensaio_de_Fraseologia.pdf)>. [2. ed. rev. e atual. Edição do Autor, 2005].

\_\_\_\_\_. Os provérbios no Dicionário Brasileiro de Fraseologia. *CADERNOS DO CNLF*, ano IV, n. 3 - Artes do léxico. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000, p. 27-36. Disponível em: <[http://www.josepereira.com.br/Os\\_proverbios.pdf](http://www.josepereira.com.br/Os_proverbios.pdf)>.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

XIMENES, Expedito Eloísio. *Fraseologias jurídicas: estudo filológico e linguístico do período colonial*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2013.